

Co-criando métodos colaborativos para construção de ambientes sociais mais autônomos e horizontais

Co-creating collaborative methods for building more autonomous and horizontal social environments

Tatiana Oliveira Novais¹
 Everardo de Aguiar Lopes²
 Marcelo Souza de Jesus³
 Waldir Campelo da Silva⁴
 Ludymilla Anderson Santiago Carlos⁵

RESUMO

Introdução: As Rede Sociais podem ser entendidas como um conjunto de participantes autônomos, reunidos por ideias, recursos, valores e interesses compartilhados. No Distrito Federal, existem mais de 19 Redes Sociais Locais, que abrangem a maioria das localidades do Distrito Federal. Em 2013, ocorreu o I Encontro de Redes Sociais, e em 2017, o segundo encontro, ambos na Fundação Oswaldo Cruz de Brasília, em colaboração com diversos atores sociais do território.

Objetivo: Apresentar o processo de co-criação metodológica do II Encontro de Redes Sociais Locais para a produção de ambientes sociais mais autônomos e horizontais.

Metodologia: Foi adotada abordagem qualitativa, com a junção das metodologias de pesquisa-ação e pesquisa participante.

Resultados: Para a interação com as redes e co-criação deste processo metodológico, podemos destacar algumas ações, entre elas: participação nas reuniões das redes sociais locais; formação de um coletivo gestor do processo; plano de comunicação; mapa de interesses; circuito de oficinas; co-criação do momento do II Encontro de Redes Sociais Locais; momento do Encontro de Redes Sociais Locais.

Considerações finais: esta construção mostra uma multiplicidade de possibilidades de organização e rearranjos territoriais locais, em contraponto a hierarquização e setorização das políticas públicas. Para a construção coletiva de métodos colaborativos, mais autônomos e horizontais é necessário tempo, compromisso, disponibilidade e engajamento. As instituições participantes mudaram a postura de intervenção para outra de interação e co-criação, como forma de não institucionalizar o processo.

Palavras-chave: Intersetorialidade; Colaboração; Mobilização Comunitária; Reforço à Ação Comunitária; Metodologia.

¹ Fundação Oswaldo Cruz Brasília, Brasília, Brasil

² Educador Social, Brasília, Brasil

³ Fundação Oswaldo Cruz Brasília, Brasília, Brasil

⁴ Fundação Oswaldo Cruz Brasília, Brasília, Brasil

⁵ Secretaria de Estado de Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos do Distrito Federal, Brasília, Brasil

Correspondência:

Tatiana Oliveira Novais
 Fundação Oswaldo Cruz. Avenida L3 Norte,
 S/N - Campus Universitário Darcy Ribeiro,
 Gleba A, Asa Norte. CEP: 70910-900.
 Brasília, DF – Brasil. Telefone: 33294632
 E-mail: tatiana.novais@focruz.br,
tatinovais@gmail.com

ABSTRACT

Introduction: Social Networking can be understood as a set of autonomous participants, united by shared ideas, resources, values and interests. In the Federal District, there are more than 19 Local Social Networks, which cover most of the locations of the Federal District. In 2013, the 1st Meeting of Social Networks took place, and in 2017, the second meeting, both at the Oswaldo Cruz Foundation in Brasília, in collaboration with various social actors in the territory.

Objective: To present the process of methodological co-creation of the Second Meeting of Local Social Networks for the production of more autonomous and horizontal social environments.

Methodology: A qualitative approach was adopted, with the combination of research-action methodologies and participant research.

Results: For the interaction with the networks and co-creation of this methodological process, we can highlight some actions, among them: participation in the meetings of local social networks; formation of a collective manager of the process; communication plan; map of interests; workshop circuit; co-creation of the moment of II Meeting of Local Social Networks; moment of Meeting of Local Social Networks.

Final considerations: this construction shows a multiplicity of possibilities of local organization and territorial rearrangements, in counterpoint to the hierarchy and sectorization of public policies. For the collective construction of collaborative, more autonomous and horizontal methods it takes time, commitment, availability and engagement. Participating institutions changed the intervention posture to another one of interaction and co-creation, as a way of not institutionalizing the process.

Keywords: Intersectionality; Collaboration; Community Mobilization; Reinforcement of Community Action; Methodology.

INTRODUÇÃO

As redes sociais podem ser entendidas como um conjunto de participantes autônomos, reunidos por ideias e recursos com valores e interesses compartilhados¹. Neste artigo as redes sociais são entendidas como ambientes colaborativos, que possibilitam a interação entre atores sociais com intensidade, extensão e desafio político,

promotores de transformações nas relações sociais locais em busca da efetivação de políticas sociais e da ampliação da cidadania^{2, 3, 4}.

As Redes Sociais Locais do Distrito Federal (RSL-DF) existem há mais de 10 anos e são compostas por servidores públicos ligados a diferentes

setores, moradores, sociedade civil organizada, ligados às suas localidades, que se reúnem mensalmente para dialogarem sobre pautas locais. Estes atores sociais vivem e/ou interagem nas Regiões Administrativas oriundos de alguns serviços como: saúde, assistência social, educação, segurança, conselho tutelar, ministério público entre outros, e por pessoas da sociedade civil organizada, como conselhos de saúde, projetos sociais e culturais, associações, ONGs, etc.

As RSL-DF são ambientes colaborativos, de interação, de mediação comunitária, suprapartidários, aberto a participação de todos, horizontais, independentes, autônomos, construtores de vínculos, afetos e solidariedade na busca da efetivação de políticas públicas integradas e garantia de direitos e cidadania⁵, portanto são espaços de transformação social e de natureza emancipatória.

O DF é uma unidade federativa diferente das demais, pois não é um estado, nem um município, com organização diferenciada sendo dividido por Regiões Administrativas⁶. As RSL se organizam localmente de acordo com as Regiões Administrativas. Até junho de 2017, verificou-se as seguintes RSL-DF: 1) Brazlândia; 2) Ceilândia; 3) Estrutural; 4) Gama; 5) Guará; 6) Núcleo Bandeirante/ Park Way/Candangolândia; 7)Paranoá/ Itapoã; 8) Recanto das Emas; 9) Riacho Fundo em ação; 10) Riacho Fundo II; 11) Samambaia; 12) Santa Maria (Flor do Cerrado); 13) São Sebastião (Rede Intersetorial São Sebastião); 14) Região Serrana (Sobradinho, Sobradinho II e Fercal); 15) Plano Piloto; 16) Sudoeste/Cruzeiro/Octogonal; 17) TAV (Taguatinga/Águas Claras/

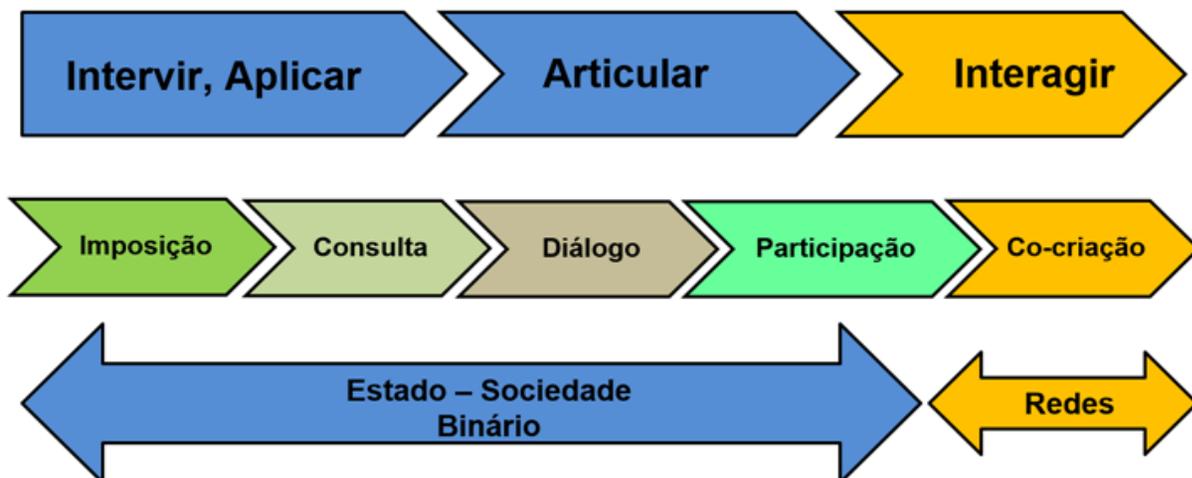
Vicente Pires); 18) Varjão/ Lago Norte; 19) Rede de Proteção das Mulheres do DF e Entorno. Além destas redes, é possível verificar no DF vários movimentos sociais e coletivos com ações territoriais locais, com atuação também em rede.

Na escala de participação social, as RSL-DF superam a perspectiva do controle social, e da participação social de forma binária (Estado e sociedade) para uma relação de co-criação⁷, de modo que estes encontros se tornam ambientes colaborativos na busca de co-criação de soluções locais, integrando e interagindo serviços públicos, formando redes de apoio social e redes sociotécnicas na integração políticas públicas em nível local⁸. Como é demonstrado na figura a seguir.

De forma didática, no centro deste esquema, mostra uma escala de participação social, na seguinte ordem: imposição, consulta, diálogo, participação e co-criação. Na implementação de políticas públicas, muitas vezes, a relação entre Estado e sociedade acontece de forma hierárquica, podem estar presentes ações como: intervir e aplicar, correspondentes a imposição e consulta. A ação de articular encontra-se no diálogo e na parceria. No caso das redes, a relação tende a se tornar mais horizontal, onde sociedade e Estado co-criam ações, projetos, compartilham recursos, formas de atuação integradas, organizando os fluxos. Este tipo de relação requer outras habilidades, como mediação, interação, compartilhamento de liderança entre outros⁹.

Em 2013, aconteceu I Encontro de RSL-DF (ERSL-DF), os objetivos deste primeiro encontro

Figura 1
Escala de participação social para a implementação de Políticas Públicas.



foram: reconhecer este mecanismo de governança local. Em junho de 2017, ocorreu o II ERS�-DF, com o objetivo de potencializar a autonomia e a dimensão colaborativa das redes nos territórios, o reconhecimento de seu capital humano e inteligência territorial para a consolidação de políticas públicas integradas no Distrito Federal. Tanto o processo do primeiro encontro, quanto o segundo, aconteceram de forma colaborativa com os vários atores sociais que compõem estas redes, e contaram com a colaboração da Fundação Oswaldo Cruz de Brasília (Fiocruz-Brasília) e Secretaria de Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos do Distrito Federal (SEDESTMIDH).

O objetivo deste artigo é apresentar o processo de co-criação metodológica do II ERS�-DF para a produção de ambientes mais autônomos e horizontais.

METODOLOGIA

Para a apresentação da metodologia deste processo de co-criação, foi adotada abordagem qualitativa, com a junção das metodologias de pesquisa-ação e pesquisa participante. A pesquisa-ação participante é tida como um modelo pedagógico que tem como premissa a apropriação coletiva do saber na construção coletiva de conhecimento como possibilidade de efetivar o direito de diversos grupos. Assim, na pesquisa-ação pode-se assinalar alguns traços comuns como: explicitação de uma intencionalidade política, opção de trabalho junto a grupos, o processo de investigação é inseparável da educação e da participação social com centralidade na análise das contradições dos determinantes estruturais da realidade vivida e enfrentada como objeto de estudo, incorporação dos setores populares como atores do processo de conhecimento (onde os problemas se definem como uma realidade concreta e partilhada), sustentação das atividades de investigação e de ação educativa, que não resulte apenas uma resposta teórica, mas na geração de propostas de ação na perspectiva de mudança social¹⁰.

Para a interação com as redes e co-criação deste processo metodológico, podemos destacar algumas ações, entre eles: 1) participação nas reuniões das RSL-DF; 2) formação de um coletivo gestor do processo; 3) plano de comunicação; 4) mapa de interesses; 5) circuito de oficinas; 6) co-criação do momento do II ERS�-DF; 7) momento do II ERS�-DF.

RESULTADOS

O tema dos II ERS�-DF foi Políticas Públicas: Sonhos e Realizações, este tema foi sugestão de um dos militantes destas redes, que acompanha este processo há mais de 10 anos. O processo de construção do II ERS�-DF durou dois anos. Para iniciar a construção e mobilização, uma pequena equipe, composta por trabalhadoras (es) da Fiocruz-Brasília e da SEDESTMIDH, começou a participar das reuniões mensais destas redes, despertando os participantes destas redes para a realização do II ERS�-DF e convidando para a participação do coletivo gestor.

O coletivo gestor se reunia a cada quinze dias, para o planejamento e a co-criação de ações e estratégias. As reuniões aconteciam em locais centrais e com facilidade de acesso para favorecer a adesão das pessoas das redes dos diferentes locais do DF, que se voluntariaram em participar e dialogar sobre a construção do processo.

Durante este processo, foi possível sistematizar a maneira que estas redes conduzem suas reuniões e se organizam. Em comum as redes têm métodos semelhantes de reuniões, como:

- a) Acolhimento – apresentação;
- b) Pauta coletiva (construída previamente por meio eletrônico e/ou proposta no horário da reunião); c) Democratização da fala – momentos de informes das ações e projetos locais com inscrição para as falas, perguntas e esclarecimentos;
- d) Itinerar – estratégia para interagir e conhecer outras realidades, pessoas e compartilhar protagonismo;
- e) Celebração – com um momento de lanche coletivo;
- f) Ação comunicativa usando os meios virtuais: *WhatsApp*, grupo de *e-mail*, página no *Facebook*;
- g) Trabalham com subgrupos – grupos de trabalho, estudos de caso.

Esta sistematização, aqui apresentada, foi validada na reunião do coletivo gestor. Para a construção de um plano de comunicação entre as redes e coletivo gestor do II ERS�-DF, foi feito um mailing das pessoas participantes das reuniões das RSL-DF, em que era enviado um boletim

eletrônico quinzenal com as notícias do processo de construção, criação de um e-mail, e um site (<http://ii-encontro-de-redes-sociais-locais-do-df.webnode.com/>), e interação nas mídias sociais, como criação de uma página de *Facebook*, de um grupo no *WhatsApp* do Coletivo Gestor, o nome do grupo era 'Construindo o II ERSL-DF, em que as pessoas recebiam um link para a participação no grupo de forma voluntária, além da participação de pessoas do coletivo gestor nos 19 grupos de *WhatsApp* específicos destas redes.

Para a mediação do grupo de *WhatsApp* do coletivo gestor, foram criadas regras de convivência, baseadas em algumas regras já utilizadas por alguns grupos de algumas das RSL. Estas regras eram: 1) Objetividade – para o diálogo de assuntos sobre as redes; 2) Comunicação não violenta – para escurar/ler ativamente, falar/escrever com cuidado, respeitando o outro; 3) Postar apenas fotos e vídeos relacionados ao II ERSL; 4) Assuntos pessoas, apenas no privado. Após o término do encontro, o grupo foi renomeado de Ações das RSL. Apesar da mediação e das regras de convivência, o uso desta mídia social deve ser discutido, pois muitas vezes pode causar mais problemas de comunicação, que propriamente produzir diálogos, visto que era um grupo com mais de 200 pessoas. Além disso, no atual contexto político, com o impeachment e polarização causada por meio das mídias sociais e meios de comunicação convencionais, o desvio do foco nos diálogos sobre o encontro era frequente, causando debates e disputas de questões ideológicas dentro do grupo. O assunto das RSL é de natureza política, no sentido da implementação de políticas públicas, apesar destes assuntos, também serem de importância, o grupo de *WhatsApp*, não é um bom meio para este tipo de debate. Os grupos têm sua ação mais eficaz, quando são usados, para avisar sobre reuniões, eventos e tomada de decisões rápidas (como agendamento de reuniões, entre outros).

Para conhecer os interesses dos participantes destas redes, em meados de 2016, foi elaborado um formulário auto aplicado por meio eletrônico, enviado por e-mail, e nos grupos de *WhatsApp*. Nas visitas às reuniões das RSL-DF, eram dadas orientações para que o mesmo pudesse ser discutido e respondido de forma coletiva. O formulário teve como objetivo conhecer as realizações e avanços destas redes; sonhos e expectativas para o momento do II ERSL-DF e interesses e deficiências na efetivação das

políticas públicas no território. As respostas foram agrupadas por núcleos de sentido¹¹ e validadas pelo coletivo gestor.

As questões do formulário foram escritas de modo colaborativo. O formulário teve 218 respostas individuais, e duas redes responderam de forma coletiva. As respostas sobre as realizações e avanços foram agrupadas em:

- 1) Aprendizagem - através da realização de: seminário, oficina, capacitação, profissionalização, *Workshop*, pesquisa, troca de conhecimento e experiências, construção crítica, aprofundamento, mostra de teatro e artes. Os assuntos mencionados foram: questão social, meditação, racionalidades médicas, feminismo, violência, criança e adolescente, fluxos sistêmicos, intervenção na realidade, entre outros;
- 2) Interação - com melhoria da comunicação, diálogo e mobilização, facilitando a integração entre órgãos públicos, construção de fluxos entre os diferentes serviços das diferentes áreas, troca de informações, estabelecimento de canal de comunicação, melhoria nas relações, fortalecimento de vínculos, formação de novas redes, integração da rede, aproximação, compartilhamento, atividades coletivas, socialização, união, engajamento e cooperação;
- 3) Retomada de espaços através de reativação, reforma, regularização, implantação, instalação, manutenção de serviços, com estratégia de: escrita de textos e manifestos, mobilizações e abraços simbólicos em aparelhos sociais. Assim, conseguiram conquistar ou garantir os seguintes espaços: Escolas, Centro de Atenção Psicossocial, Centro de Referência em Assistência Social, pediatria do hospital, Casa de Parto de São Sebastião, entre outros;
- 4) Realização de ações conjuntas, como ações preventivas, estudos e resolução de casos específicos – crianças, famílias, alunos, encaminhamentos, projetos, melhor funcionamento do órgão, Caminhada Contra o Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, festividades, construção de políticas públicas locais, gestão do território, mapeamento da rede, monitoramento, ressignificação da atenção à mulher, otimização dos recursos, implementação de horta urbana, entre outros.

Na questão sobre os sonhos e expectativas para o II ERS�-DF as respostas foram categorizadas em três núcleos de sentido:

- 1) **Integração e interação** com outras redes (conhecer outras realidades, papel das redes, uma direção, integração entre atores e território, Troca de experiências, organização de fluxos, ações em parceria, articulação das políticas, aumentar a rede, melhorar a comunicação);
- 2) **Aprendizado e construção coletiva** (socializar informações, aprimorar conhecimentos, conhecer e trocar experiências – formas de fazer, conhecer a rede, traçar propostas, articular causas comuns, reflexão, amadurecimento);
- 3) **Reconhecimento e reforçar o protagonismo** (fortalecimento, adesão de mais órgãos, visibilidade por parte do governo, compromisso público, resolutividade, instrumento real de transformação).

Na questão sobre interesses e deficiências na efetivação das políticas públicas no território foram identificados os assuntos, para a composição do mapa de interesses, sendo eles: comunicação; rede; grupos étnico-raciais (indígenas, ciganos, negritudes); meio ambiente; diversidade e gênero; violências; masculinidades; população em situação de rua; e proteção da mulher, idosos, crianças e adolescentes. Ao optarmos na categorização pelas pessoas e assuntos mais integradores e não pelas áreas (como saúde, educação, assistência, segurança e etc.), foi uma tentativa de uma abordagem integral, e buscar transversalizar os temas. Estes temas formaram um Mapa de Interesses, com assuntos que compuseram o Circuito de Oficinas, e os diálogos no momento do II ERS�-DF.

Assim, em dezembro de 2016 até maio de 2017, foi realizado um Circuito de Oficinas, que foi um percurso formativo e preparatório, que teve como tema 'Potencializando a autonomia de atores e ambientes sociais para construção do II ERS�-DF'. A proposta deste Circuito era subsidiar os participantes para a atuação em rede nos territórios do Distrito Federal e, assim, trazer uma reflexão sobre as ações existentes, bem como a criação de estratégias de atuação em rede com base na comunicação colaborativa, integração de políticas públicas e direito à cidade. A partir dos territórios e da prática de atuação em rede, aconteceram as seguintes oficinas:

- Democratização da Comunicação e Mídia – Reflexão sobre a comunicação colaborativa, com o objetivo de refletir sobre processos mais democratizados de comunicação e construção de narrativas. Esta oficina contou com pouca participação das redes, com apenas oito pessoas e facilitação do Intervozes e do Barão de Itararé. Este tema foi escolhido como inicial, como estratégia de discutir o processo de comunicação na construção do ERS�, como tema central e fundamental para o trabalho em rede;
- Redes Sociais - Integração de políticas públicas no território - para refletir sobre as redes e co-criar um formulário para a inscrição das experiências das redes, que foram apresentadas durante o momento do II ERS�-DF. Este encontro contou com a participação de mais de 100 pessoas e pareceu ser um tema de grande interesse entre os participantes das RSL;
- Colóquio sobre violência doméstica contra a mulher: reflexões sobre gênero, poder e atuação em redes. Este colóquio contou com o protagonismo do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), que tem uma atuação importante nas Regiões Administrativas, por meio do setor psicossocial. Este colóquio teve a participação de mais de 200 pessoas, com a apresentação da filósofa Márcia Tiburi sobre feminismo, Trabalho em Rede com Tatiana Novais e de trabalhos da equipe do setor psicossocial do MPDFT. A temática da violência, e seus vários tipos, é uma das mais presentes nas reuniões de RSL;
- Oficina de Cultura e Direito à Cidade aconteceu no Museu Nacional, com a facilitação de vários coletivos, com atuação importante no DF, como: Mercado Sul Vive (Taguatinga), Bicentro Comunitário (Taguatinga), RUAS (DF), Família Hip Hop (Santa Maria), TV Reflexo Digital (Recanto das Emas), Nossa Brasília (DF) e registro audiovisual pela OnG Uma gota é um Oceano (Vila Planalto) e Centro de Ensino Médio 111 (Recanto das Emas). Esta oficina tem o objetivo de refletir sobre a importância da cultura nas relações entre as pessoas, na construção da identidade por meio da valorização dos conhecimentos populares, da diversidade cultural do Distrito Federal e como estratégia de apropriação a cidade, o Estado e os direitos, visto que não

existe cultura sem território. Nesta oficina houve a construção de mapa falado com os grupos e movimentos sociais. Essa oficina teve a participação de mais de 100 pessoas.

O processo de mobilização por meio do circuito de oficinas encerrou em maio de 2017, para priorizar a construção da metodologia do momento do II ERS�-DF.

Para a facilitação do processo durante o momento do II ERS�-DF foi realizada uma chamada para as pessoas que participam dessas redes, com experiência na atuação em rede e em metodologias e métodos colaborativos, participativos e emancipatórios, tais como: jogos cooperativos, *dragon dreaming*¹², mediação de conflitos, mediação comunitária, diálogos prospectivos, sociocracia, terapia comunitária, educação popular, rodas de conversa, saraus abertos, comunicação não violenta, metodologia e métodos da economia solidária, processos autogestionados e autônomos, entre outros. No DF tem uma ampla oferta de oportunidades de formação nestes tipos de metodologias, com vários atores sociais dos serviços públicos e sociedade civil com experiência em metodologias colaborativas. Para a realização do encontro, contamos com cerca de 20 voluntárias (os) para a facilitação e mediação dos grupos temáticos. Foi orientado que houvesse a mediação baseada no diálogo, com os seguintes aspectos: colaboração, terreno comum, ampliação das perspectivas, busca de acordos e não ser conclusivo, para a busca de consensos¹³.

A metodologia para os dois dias do II ERS�-DF foi inspirada a partir das sete práticas da cooperação, que são: **1) conectar, 2) cuidar, 3) compartilhar, 4) como-fiar, 5) co-criar, 6) cultivar e 7) celebrar**^{14,15}. De modo, que para cada momento da programação foram planejadas estratégias inspiradas nestes sete princípios. E validada durante a reunião da rede social de Ceilândia.

Assim, nos dias 1 e 2 de junho, aconteceu na Fiocruz Brasília, o momento, que foi a culminância do II ERS�-DF, com a participação de cerca de 320 pessoas. O ERS� aconteceu todo ao ar livre, no gramado da Fiocruz Brasília, além disso, foi feita uma seleção com mais de 100 músicas sobre o DF, esta busca foi feita na Rádio Cultura (100,9 FM), e compôs o som ambiente. O almoço foi financiado pela SEDESTMIDH e aconteceu na Casa da Mulher Brasileira, próximo a Fiocruz, além disso a SEDESTMIDH disponibilizou dois

ônibus para o transporte até o local de almoço, e estes ônibus colaboraram no deslocamento das pessoas da rodoviária do Plano Piloto até a Fiocruz, de manhã e ao final do dia do encontro, facilitando o acesso das pessoas que vinham das diferentes regiões administrativas do DF. Além disso, foram usadas estratégias de:

- Economia solidária, com a feira de trocas, mediada pelo Instituto Marista de Solidariedade;
- Atividades culturais com coletivos das regiões administrativas;
- Lanche coletivo e colaborativo, como estratégia de compartilhar recursos, celebrar e produzir solidariedade;
- Cobertura colaborativa com as Assessorias de Comunicação da Fiocruz e SEDESTMIDH, Coletivo da TV Reflexo Digital do Recanto das Emas e Zelig Tapuya Produções;
- Carona solidária por meio de um grupo de WhatsApp, para estimular que as pessoas se organizassem nos seus locais para a vinda ao local do II ERS�;
- Feira com vários coletivos de economias solidária, sendo eles: AfroInd - Ceilândia; Artesanato Indígena - Santuário dos Pajés, Noroeste; Artesãs - Gama; Associação de artesãos - Novo Gama; Banca de Livros - Levante Popular da Juventude; CAPS III - Samambaia; Coletivo de Saúde - MST; Ecoloja - Mercado Sul; Encanto das Artes; Moinho de Vento - Família Hip Hop; Movimento de Mulheres Camponesas; Rede Pequi; Rede Sustentabilidade em Movimento - Varjão; Rede Verte Brasília; SS Lição de Vida - Samambaia. Os usuários do CAPS, que tiveram seus produtos expostos, relataram a satisfação de participar do ERS�, ressaltando como se sentiram valorizados e incluídos.

No primeiro dia, para **conectar** e criar laços com o encontro, as pessoas ao chegarem eram convidadas a colocarem seus nomes em bandeirolas, que compuseram a decoração, em alusão às festas juninas. Depois do acolhimento, na grande roda explicando os fluxos dos dois dias, houve uma apresentação de mímica, com o tema de conectar. Para **cuidar**, as pessoas foram convidadas para formarem um pequeno grupo de quatro pessoas, que não se conheciam, perguntaram o que era

importante para estar bem nos dois dias do encontro, e assim, compartilharem possíveis aflições e necessidades. A intenção deste momento de cuidado, é trazer as pessoas para o instante vivido e despertar solidariedade e empatia. Após este momento, as pessoas se dividiram em grupos, de acordo com seus interesses, por mapas de interesses: 1) educomunicação; 2) bem viver do idoso; 3) bem viver dos povos indígenas; 4) direito à cidade e meio ambiente (reconexão com a natureza); 5) direito à cidade e agricultura urbana (reconexão com a natureza); 6) direito à cidade e população em situação de rua; 7) diversidade e gênero; homens, masculinidades e bem viver; 8) juventudes; 9) negritudes; 10) proteção da criança e adolescente; 11) proteção da mulher e 12) Diálogos prospectivos - Brasília 2030 (este grupo teve uma metodologia específica).

Cada grupo, teve um (a) relator (a), facilitador (a), polinizador (a) e uma pessoa para cuidar da energia do grupo. Tanto o (a) relator (a), quanto o (a) facilitador (a) foram pré-escolhidos e passaram pelo processo de construção e co-criação, participando das reuniões do encontro. O (a) polinizador (a) e o (a) cuidador (a) da energia do grupo eram escolhidas dentro do grupo. O polinizador tinha a tarefa de ir em outro grupo participar de outra discussão e voltar, como forma de conectar os temas, o cuidador da energia do grupo, tinha a tarefa de fazer pequenas intervenções, no caso de perceber que o grupo estava cansado, com algumas dinâmicas de grupo e acorda corpo.

Nos grupos, as pessoas tiveram a oportunidade de **compartilhar** suas experiências, sobre o tema escolhido. No final do primeiro dia, o **como-fiar**, as pessoas foram estimuladas a conversar com outras pessoas desconhecidas de outros grupos para conectar com outras experiências, com a pergunta 'como foi seu dia?'. E depois teve a apresentação de um grupo musical 'Som de papel projeto de sonoridades orgânicas', neste dia também houve a apresentação do Grupo Batucar, composto por jovens o Recanto das Emas.

No segundo dia, as pessoas retomaram seus grupos, para o **co-criar** 'Sonhos em Rede - um caminho com muitos fluxos', em que foi utilizada uma técnica do *Dragon Dreaming*, chamada de círculo dos sonhos ou círculo de criação¹². Em resumo, as pessoas compartilham seus sonhos sobre o tema em diálogo, como se os sonhos já tivessem acontecido, e depois celebram. Esta técnica tem como o objetivo de manter a energia

do grupo em alta. Depois deste momento, foi bem difícil desmanchar os grupos para outras atividades, no segundo período da manhã, foi disponibilizado para algumas oficinas, facilitadas pelos colaboradores do II ERS�, cujas as temáticas eram: Economia Solidária, fundos solidários e auto-poupança com Elkin Páez (Rede Sustentabilidade em Movimento), Paulinho (Cáritas); Homens, masculinidades e bem viver, com Carlos Silvan (Educador Popular); Metodologias colaborativas, com Paulo César, (Facilitador de metodologias colaborativas); Poder da Rede, com Fábio Brotto (Projeto Cooperação); Cultura da Consciência com Yan Guarani (Indígena Guarani); Relatório Crianças e Adolescentes em Dados e Estatísticas do CADÊ? Brasil 2015, com Instituto Marista de Solidariedade; Mapa das Desigualdades, com os integrantes do Nossa Brasília.

No segundo dia, após o almoço, teve um momento livre para lançamento de um livro sobre as redes, e para as pessoas participarem da feira de trocas, e conhecerem as experiências das que estavam expostas no local do encontro. Na segunda parte da tarde, no momento **cultivar**, representantes dos grupos apresentaram os frutos das reflexões e diálogos, a grande planária foi batizada de Ágora - e o momento foi: Cultivando a Flor da TRANSformação. Visto que cada grupo recebeu um papelão em formato de uma grande pétala, onde pudessem co-criar símbolos e imagens que representassem o grupo, e ao final as pétalas reunidas formavam a Flor da TRANSformação.

O prefixo TRANS foi utilizado como símbolo durante a construção do encontro, por trazer sentido ao processo e a história destas redes, que vem atuando de forma transterritorial, transetorial, transdisciplinar, transgênero, transcendente, e por fim, transformadora.

Ao final do encontro, o **celebrar** aconteceu com uma síntese dos diálogos através do Rap, com a colaboração dos rappers da Batalha do Neurônio. O DF tem vários grupos de Rap, e um intenso movimento de saraus. Para a composição da ambiência foram impressos vários cartazes desses saraus, que dialogavam com os temas do ERS�, como o sarau da falsa abolição, **slam** das minas, sobre direito à cidade, entre outros.

Durante o encontro, as pessoas foram estimuladas a trocarem recados, que poderiam ser em forma de elogio ou um convite para a colaboração. Esta troca foi chamada de *Correio Afetivo*, inspirado

no correio elegante das festas juninas. Estas trocas foram mapeadas pelas pessoas que mediavam estas trocas, que eram chamados de carteiros. Foi feito um estudo a partir destas trocas de análise de redes, que será publicado em outro artigo, com a descrição metodológica. Para estimular a troca de mensagens e conexão entre as redes, foram feitos vários corações grandes vermelhos, em cada um tinha o nome de uma rede e uma caneta afixada perto do cartaz para que as pessoas participantes do encontro pudessem expressar seus sentimentos pelas redes. Ao final, alguns representantes das redes foram convidados a trocarem estes corações para levarem estas mensagens para suas redes de origem.

Algumas pessoas comentaram como o encontro foi importante para conhecer pessoas de outras regiões e serviços e verificarem que os casos, que atendem nas diferentes regiões são as mesmas pessoas, que transitam no DF e região metropolitana, ampliando a noção de territorialidade, e mostrando a necessidade de ampliação do diálogo transterritorial e intersetorial. Outro aspecto bastante comentado, foi a necessidade de criar mecanismos de comunicação entre as redes, bem como produção de encontro de redes mais frequentes e por regiões.

O II ERS-DF inspirou a formação de uma RSL em Luziânia, Goiás, uma trabalhadora do Centro de Referência em Assistência Social convidou alguns participantes do coletivo gestor para dialogar com atores sociais de Luziânia para estimular a criação de uma RSL-DF, que já acontece de forma itinerante na cidade.

REFERÊNCIAS

1. Marteleto R. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, 30(1), 71-81. (2001) Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652001000100009>. Acessado em: 18/nov/2017.
2. Oliveira T. Rede Social da Estrutural: uma reflexão à luz da teoria social crítica sobre o prisma da relação entre Estado e sociedade.- Brasília: CID/UnB, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este processo, houve a preocupação para a não institucionalização e garantia da autonomia inerente a estes espaços sociais das RSL-DF. Este processo de construção mostra uma multiplicidade de possibilidades de organização e rearranjos territoriais locais, em contraponto a hierarquização e setorização das políticas públicas em nível municipal, estadual, distrital e nacional.

O reconhecimento da forma de trabalho das RSL foi fundamental para garantir a potencialização deste processo, aprendendo com ele, e protegendo de uma possível institucionalização ou cooptação do processo.

Para a construção coletiva de métodos colaborativos de ambientes sociais mais autônomos e horizontais é necessário tempo, disponibilidade e conhecer os interesses destas RSL. Por isso, foi importante a liberação de trabalhadores (as) da SEDESTMIDH e da Fiocruz-Brasília, para se dedicarem na construção deste processo. Além disso, foi necessário que as instituições envolvidas aprendessem a interagir nestes espaços sociais, atuando como mediadores, e não intervindo, como as instituições de Estado comumente fazem.

O momento do encontro aconteceu de forma horizontal e a metodologia facilitou a troca de experiências, solidariedade, afetos e conexão entre as pessoas e as RSL.

3. Jesus M. Comunicação e fluxo da informação para governança de políticas públicas: estudo de caso da rede sociotécnica da região Serrana no Distrito Federal. – Brasília: CID/UnB, 2015.
4. Lopes E. Redes Sociais Locais: Afetividade que gera afetividade nas políticas públicas. Brasília. Ed. Annabel, 2017.

5. Redes Sociais Locais do DF. II Encontro de Redes Sociais Locais do DF. Disponível em: <http://ii-encontro-de-redes-sociais-locais-do-df.webnode.com/>. Acessado em: 16/nov/2017.
6. Distrito Federal. Lei Orgânica do Distrito Federal. Disponível em: <http://www.sindifisco.com.br/files/Constituicoes/Lei%20Org%C3%A2nica%20do%20Distrito%20Federal.pdf>. Acessado em: 20/nov/2017.
7. Vassão C. Design and Politics: Metadesign for social change. *Strategic Design Research Journal*, 10(2): 144-155 May-August 2017. Unisinos – doi: 10.4013/sdrj.2017.102.07.
8. Jesus M. Simeão, E. Martins, W. Rede sociotécnica na governança de políticas públicas: o contexto da comunicação extensiva. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 21, n. 1, p. 17-26, dez/mar 2016.
9. Martinho, C. Algumas palavras sobre rede. *Desenvolvimento Local, Dinâmicas e Estratégias. Rede DLIS/RITS (2001): 24-30.*
10. Brandão C. *Pesquisa participante*. Brasília: Editora Brasiliense, 1988.
11. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco, 2006.
12. Croft J. Como executar um círculo de criação. Artigo 11. Como executar um círculo de criação Dragon Dreaming. Um guia do facilitador. Disponível em: <http://dragondreamingbrasil.blogspot.com.br/p/como-executar-um-circulo-de-criacao.html>. Acessado em: 19/nov/2017.
13. Lavis J. et al. Organizar e utilizar os diálogos da política para apoiar a política de saúde baseadas em evidências. Disponível em: <http://sintese.evipnet.net/wp-content/uploads/2010/05/PORT-STP-14-KO-060510.pdf>. Acessado em: 20/nov/2017.
14. Brotto F. *Jogos cooperativos*. Campinas: Editora Unicamp, [sd] (1997).
15. Deheinzelin L. *Desejável mundo novo: vida sustentável, diversa e criativa em 2042*. ed. São Paulo: Ed. do Autor, 2012.